

INFORMAÇÕES IMPLÍCITAS NOS ATOS DE FALA DA PERSONAGEM “IAGO” DO FILME “OTHELLO”

Lúcia Helena Medeiros da Cunha Tavares – UERN / UFPB

Resumo: A Sociolinguística Interacionista muito tem debatido a questão da interação face-a-face. Esse tipo de interação se dá em conversas, debates, palestras etc. O locutor é, ao mesmo tempo, interlocutor, durante a troca de turnos. Estudando esses enunciados pronunciados entre dois ou mais (inter)locutores, Searle, Austin e outros analisam os sentidos contidos nos atos de fala que se dão durante essa troca de informações. Em todo ato de fala existem informações explícitas e implícitas, e é fazendo uso desses artifícios que se consegue, muitas vezes, o que se quer, através da linguagem. Um exemplo disso será visto neste trabalho que enfoca alguns dos atos de fala pronunciados por Iago em “Othello”. O antagonista utiliza-se da linguagem para tentar persuadir o protagonista a fazer o que ele (Iago) deseja. É uma demonstração de como a linguagem pode ser utilizada visando alcançar os objetivos de cada um.

Palavras-chave: linguagem, interação, informações implícitas.

0. Introdução

A linguagem é um ato social pelo qual as pessoas interagem umas com as outras. Essa interação se dá, muitas vezes, através da conversação, que tanto pode ser na forma de uma comunicação cotidiana quanto de uma palestra ou de um exame médico, ou seja, é uma troca de informações em que o locutor não é o único responsável pelo que fala. Há uma troca de turnos em que os (inter)locutores produzem o texto juntos, colaborando uns com os outros.

E é tentando abordar essa interação face-a-face que serão discutidas aqui as teorias de Austin e Searle, através de Ducrot (1972), Fiorin (1996, 1999, 2002), Koch (2000) e outros, sobre as informações implícitas e os atos de fala. São essas teorias que irão guiar a análise de alguns enunciados e determinadas situações de enunciação do antagonista “Iago” do filme “Othello”.

Analisando essas falas, será visto como decorre a formulação de argumentos para se conseguir o que se quer e a manipulação da linguagem em situações de interação. Será observado também que, nessas situações de interação, as pessoas nem sempre usam a objetividade da linguagem, preferindo a subjetividade e, com ela, as informações contidas nas entrelinhas, talvez porque há certos tipos de juízos sobre os outros ou desejos reprimidos que não devem ser expressos livremente, pois podem ofender, estabelecer conflitos ou mesmo fazer o locutor perder a credibilidade diante do interlocutor. Quanto a isso Zandwais (1990, p.12), argumenta que “O procedimento de expulsar os perigos que advém da objetividade no uso da língua, encontra lugar nas diferentes formas de se implicitar, no conteúdo da linguagem, aquilo que se quer dizer, de modo que não se tenha de pagar preços altos por aquilo que se diz”. E é exatamente isto que se detecta nas falas de Iago, durante todo o filme analisado.

Procura-se então, aqui, demonstrar a importância das inferências que se faz daquilo que é dito durante o ato de interação.

1. Informações Implícitas: pressuposto e subentendido

Nos textos orais ou escritos, podem-se encontrar as informações explícitas, aquelas nas quais o que está posto mostra claramente o que seu autor ou locutor quis dizer; e as informações implícitas, aquelas que dizem o que não parecem estar dizendo, ou seja, o seu sentido decorre de certas palavras ou expressões contidas na frase. Essas informações implícitas são os pressupostos e subentendidos. Para que essas informações sejam reconhecidas pelo interlocutor, elas são marcadas lingüisticamente no enunciado (caso dos pressupostos) do qual fazem parte ou na própria situação comunicativa.

A questão das implicaturas tenta explicar o problema dos conteúdos implícitos, e foi estudada pela Pragmática de várias maneiras. O lingüista francês Oswald Ducrot, procurando descrever as diferentes formas como os significados são produzidos publica, em 1972, *Princípios de Semântica lingüística: dizer e não dizer*. Segundo Zandwais (1990, p.15),

o autor opõe, em primeiro lugar, as significações explícitas às implícitas, na tentativa de demonstrar que, se por um lado a língua pode se representar como um objeto atestado e transparente, por outro, pode se constituir num lugar que se configura por ocultamentos, resistência, negligências, camuflagem, ambigüidades, ou, ainda, enfrentamentos.

Quanto às informações implícitas da linguagem, Zandwais (1990, p. 14) coloca que são nessas informações que

os afrontamentos ideológicos se constituem em atos de poder que somente se dão a conhecer através de raciocínios dedutivos, que pressupõem, tanto análises das condições sócio-históricas de produção dos atos de comunicação verbal, como um conhecimento das leis que governam a lógica das línguas naturais.

Portanto, essas informações precisam ser interpretadas através de alguma lógica para que façam o efeito pretendido pelo seu locutor. A informação implícita que carrega uma marca lingüística, como certos verbos, advérbios, conjunções etc., capaz de identificá-la é o pressuposto. Ele está incontestavelmente inscrito no enunciado. De acordo com Zandwais (idem, p.24) “as pressuposições norteiam e delimitam as direções a serem tomadas pelos interlocutores, a fim de que a conversação tenha uma progressão lógica”. O que não está dito precisa ser inferido para que possa ser contradito, se for o caso.

A pressuposição, segundo Fiorin (2002, p.182), “aprisiona o leitor ou o ouvinte numa lógica criada pelo produtor do texto, porque, enquanto o posto é proposto como verdadeiro, o pressuposto é também, de certa forma, imposto como verdadeiro. Ele é apresentado como algo evidente, indiscutível”. Por isso, os pressupostos contidos nos atos de fala precisam ser verdadeiros, pois, caso não o sejam, o posto também será falso.

Pode-se dizer ainda que as pressuposições não são sensíveis à negação, à interrogação e ao encadeamento dos postos, porque quando o ato de fala se dá através de uma negativa ou interrogativa, o pressuposto permanece como nos enunciados afirmativos, por exemplo, quando se pergunta *João parou de fumar?* O pressuposto de que ele fumava antes continua, como no enunciado assertivo *João parou de fumar*.

O pressuposto é também um recurso argumentativo, pois visa levar o ouvinte ou leitor a aceitar as idéias expostas pelo locutor ou autor.

Outro tipo de inferência possível no enunciado é o subentendido. Essa é uma informação implícita que não traz marcas lingüísticas e surge, muitas vezes, dependendo de um contexto em particular. O falante também pode se esconder por trás de um subentendido, pois, a partir do que foi dito, não se encontram provas do que está nas entrelinhas, então, o falante diz o que quer sem se comprometer. Os subentendidos estão sempre presentes nos discursos irônicos, por exemplo. Nesse tipo de discurso, não se diz o que se quer dizer, deixa-se que o interlocutor tire suas próprias conclusões.

Dessa forma, percebe-se que os subentendidos apresentam características diferentes dos pressupostos. Segundo Ducrot (1972, p.143) o subentendido tem “a particularidade – e a inevitável vantagem – de poder sempre ser retratado”, pois surge em determinadas circunstâncias discursivas e causa certos efeitos de sentidos criados a partir de atos de enunciação. De acordo com Zandwais (1990, p.32),

Enquanto os pressupostos produzem informações já dadas pelos itens gramaticais e lexicais que constituem os enunciados, os subentendidos se

constituem em informações novas que podem ser obtidas pelo interlocutor, a partir de um cálculo semântico-discursivo.

Conclui-se então que, a partir de algumas marcas no enunciado, podem-se deduzir informações, que são os pressupostos; mas, os subentendidos só podem ser deduzidos a partir daquilo que é dito em um contexto determinado e, para o interlocutor, subentendidos são informações que se apresentam como novas e, às vezes, surpreendentes.

2. Os Atos de Fala

A teoria dos atos de fala surge com os estudos de Austin e sua obra *Quando Dizer é Fazer* (1962). Austin divide os enunciados em constativos, aqueles que afirmam ou descrevem um estado de coisas (era esse tipo de ato enunciativo visto até então pela lingüística); e os performativos, através dos quais ele procurou estudar até que ponto dizer alguma coisa é realizar algo (GUIMARÃES, 1995).

De acordo com Austin, para que um performativo se realize plenamente é necessário que seja pronunciado em circunstâncias adequadas para que não fracasse, por exemplo, o enunciado *Eu vos declaro marido e mulher* pronunciado por um sacerdote, realiza a ação de casar, unir duas pessoas. Mas, se o mesmo enunciado é pronunciado por uma criança, durante uma brincadeira, ele não terá as mesmas condições de sucesso, pois crianças não têm poder para realizarem tal ato.

O autor estuda as condições de sucesso e de fracasso dos performativos e as circunstâncias que podem levá-lo a esse sucesso ou não. Segundo Austin (apud FIORIN, 2002, p.171) as principais condições de sucesso do performativo são as seguintes:

- A enunciação de certas palavras em determinadas circunstâncias têm, por convenção, um determinado efeito. Portanto, as pessoas e as circunstâncias devem ser aquelas convenientes para a realização do enunciado em questão. Por exemplo, se um faxineiro e não o presidente da Câmara diz *Declaro aberta a sessão*, o performativo não se realiza, porque o faxineiro não é a pessoa que pode executar a ação de abrir a sessão; por outro lado, se o presidente declara aberta a sessão sozinho no seu gabinete, o performativo não se realiza, porque não está sendo executado nas circunstâncias apropriadas para sua realização.
- A enunciação deve ser executada corretamente pelos participantes. O uso da fórmula incorreta torna nulo o performativo. Assim, no batismo, é preciso usar a fórmula correta, para que o performativo se realize. Se o padre diz *Eu te perdôo* em lugar de *Eu te batizo*, o batismo não ocorre.
- A enunciação deve ser realizada integralmente pelos participantes. Assim, quando um performativo exige outro para ser realizado, é necessário que os dois sejam realizados para que haja sucesso. Por exemplo, quando alguém diz *Aposto dez reais como vai chover*, para que o ato de apostar tenha sucesso, é preciso que o outro aceite a aposta, enunciando a aceitação.

Fiorin (2002, p. 173) acrescenta ainda que

para distinguir os constativos dos performativos, Austin vai discutir mais profundamente a questão: que é que se faz, quando se diz alguma coisa? Note que, quando se diz algo, realizam-se três atos: o ato locucionário (ou locucional); o ato ilocucionário (ou ilocucional) e o ato perlocucionário (ou perlocucional).

Fiorin (2002) coloca que, de acordo com Austin, os atos de fala são classificados em locucionário, ilocucionário e perlocucionário. O **ato de fala locucionário** é o que simplesmente

enuncia alguma coisa com algum significado como, por exemplo, *A Terra é redonda*. Searle (1991) desconsidera a existência dos atos locucionários. Para ele são apenas atos de enunciação e não os distingue dos atos ilocucionários.

O **ato de fala ilocucionário** é o que se realiza na linguagem. Ele tem um aspecto convencional e está marcado na linguagem através de um performativo como *Eu afirmo que ele passou de ano*. O ato ilocucionário, de acordo com Guimarães (1995, p.38) “consiste em fazer alguma coisa quando se diz alguma coisa. Não se trata do ato de dizer algo (que seria o locucional), mas do ato que se realiza quando se diz algo, ao se dizer algo”.

O **ato de fala perlocucionário** é o ato que se realiza pela linguagem e não na linguagem, como é o caso do ilocucionário. O perlocucionário é o resultado do ato de fala ilocucionário e depende do contexto de enunciação para conseguir o efeito desejado pelo locutor. Ele também é o efeito dos outros dois atos de fala. No ato perlocucional, a fala é um instrumento que implica provocar algum efeito como consequência do enunciado no interlocutor. No exemplo *Vou chamar a polícia*, pode-se surtir o efeito de intimidação esperado pelo locutor, ou não, dependendo do interlocutor e das condições de enunciação. Nesse ato de fala, o locutor procura obter um efeito que não é o simples entendimento do enunciado pelo interlocutor.

Austin procurou rever, em seus estudos, a oposição constativo e performativo nos atos de fala e as condições de verdade ou falsidade contidas nos atos. Ele inclui os constativos (afirmações) nos atos ilocucionários e vê que, da mesma forma que alguém dá uma ordem usando um performativo, mas não se encontra em condições de dá-la, também há a “infelicidade” do constativo quando se faz alguma afirmação e não se está em condições de fazê-la. Para Austin, segundo Guimarães (1995, p.39) “a verdade ou a falsidade de uma afirmação não depende só da significação das palavras, mas do ato específico e das circunstâncias precisas nas quais ele é realizado”.

Searle (1991) diz que não se deve confundir os verbos ilocutórios (prometer, declarar, ordenar, ameaçar...) com os atos ilocutórios. Para ele, nem sempre um está junto do outro, pois os atos ilocutórios também podem ser expressos de forma indireta, ele os chama de “atos de fala indiretos” (FIORIN, 2002). Um exemplo disso é quando alguém chega atrasado no trabalho e diz *Desculpem-me pelo atraso* (ato direto) ou *O pneu do carro furou* (ato indireto). Os dois atos, para Searle, representam um pedido de desculpas e têm a mesma força ilocucionária. Da mesma forma quando alguém diz ao gerente do banco *Eu queria um talão de cheques*, isso não significa que a pessoa não queira mais o talão de cheques e seria estranho se o gerente interpretasse assim. Os atos indiretos minimizam a força da ordem, do desejo, e o falante utiliza-se deles, às vezes, para não constranger o seu interlocutor com uma ordem ou um pedido direto. Neste sentido, Ilari e Geraldini (2000, p.74) afirmam que “a noção de ‘ato de fala’ é mais ampla que a noção de performativo; ela dá um alcance ainda maior à idéia de que a linguagem permite praticar ações”.

Esses estudos sobre os atos de fala indiretos geraram uma corrente de estudos interacionistas sobre o assunto. Segundo Fiorin (2002, p.174),

Para a teoria clássica, os atos de fala são universais; enquanto para a teoria interacionista, variam de cultura para cultura, de grupo social para grupo social. Por exemplo, a maioria das sociedades conhece o ato de fala *agradecimento*. No entanto, a forma como ele é feito é variável. Na sociedade brasileira da primeira metade do século XX, como se lê nos manuais de etiqueta, não se agradecia os criados, os garçons etc. Hoje, agradece-se a eles por qualquer serviço que nos prestam. A forma de fazer os agradecimentos indica uma mudança cultural, a passagem de uma sociedade mais ‘aristocrática’ a uma mais ‘democrática’. Por outro lado, fórmulas religiosas de agradecimento, como *Que Deus lhe dê em dobro* ou *Que Deus lhe abençoe* só subsistem nas áreas menos modernas do país.

Para Fiorin (idem, p.175) “a teoria clássica pensa os atos de linguagem de maneira isolada, enquanto a teoria interacionista os vê como um encadeamento de atos: por exemplo, a um pedido corresponde uma recusa ou uma aceitação, a uma saudação, uma resposta etc”.

Enquanto Austin mostrou que *dizer é fazer*, as teorias interacionistas mostram que *dizer é fazer fazer*. Isto abriu um novo campo de pesquisa lingüística e levou a outros estudos que não serão discutidos aqui: os estudos sobre a *polidez lingüística*, que se articula sobre a *teoria das faces*.

3. Os Implícitos nas Falas da Personagem “Iago” em “Othello”

Serão analisados agora alguns Atos de Fala pronunciados pelo antagonista Iago no filme “Othello”, que foi baseado na obra “Othello”, de William Shakespeare. Essa obra retrata o amor entre uma jovem branca da alta sociedade, Desdêmona, e um respeitado e valente Mouro, Othello. Esse amor, entre outras coisas, desperta o ódio e a inveja de Iago, companheiro de batalhas do protagonista Othello. Iago almeja tomar o posto ocupado por Othello, além de destruí-lo. Para alcançar os seus objetivos, Iago manipula, através da linguagem, a tudo e a todos que lhe tiverem alguma serventia.

No ato de fala **Eu não sou o que sou**, pronunciado por Iago, numa conversa com Rodrigo, logo no início do filme, pode-se subentender não só as informações implícitas do enunciado, mas a personalidade da própria personagem. Ao dizer isso, num ato de fala locucionário negativo, mas cheio de significados, Iago deixa pressuposto que ele é algo que não demonstra ser, e são os subentendidos que vão gerar as várias possibilidades sobre ele, como por exemplo, alguém sem escrúpulos, mau-caráter, perigoso etc. A partir daí uma teia de mentiras começa a ser tecida por Iago, através de seus argumentos, atos de fala falsos e ações letigiosas.

Tentando convencer Rodrigo a ficar do seu lado, na execução de seus planos maliciosos, Iago argumenta com o seguinte ato de fala: **Desdêmona não continuará amando o Mouro**. Vê-se aí o verbo performativo *continuar* que pressupõe que Desdêmona ama o Mouro naquele momento. Esse pressuposto não muda, mesmo sendo a frase uma negativa e, ao mesmo tempo, pressupõe-se também que ela deixará de amar o Mouro. Ainda fica subentendido que: 1) Desdêmona poderá vir a se apaixonar por outro, 2) ela se cansará do Mouro e 3) ela se decepcionará com ele, entre outras informações implícitas que podem ser identificadas de acordo com o ouvinte.

Ao arquitetar suas tramas para destruir a união entre Othello e Desdêmona, Iago pronuncia um enunciado com grande força ilocucionária: **Que o inferno e as trevas façam nascer a monstruosidade sob a luz do mundo**. Este é o marco do começo do fim de uma história de amor. A partir daí, com seus argumentos e ações, ele começa a realizar o que disse. Nesse enunciado está pressuposto que: 1) existe uma monstruosidade que pode ser nascida do inferno e das trevas e 2) o mundo é iluminado. E pode subentender-se, por exemplo, que: 1) o que era bom ficará ruim, 2) a luz da felicidade de Othello e Desdêmona irá se apagar e 3) ele, Iago, é o monstro nascido para levar a desgraça ao casal.

Mais uma vez Iago tenta persuadir Rodrigo e fazê-lo acreditar que Desdêmona não ama o marido, dizendo-lhe: **Ela começa a sentir aversão pelo mouro**, Iago se utiliza de um ato de fala locucionário, pois é uma afirmação, uma predicação, mas que, na situação em que é pronunciado, é carregado de força perlocucionária, aquela que procura causar algum efeito de sentido no interlocutor. Desse ato, pode-se pressupor: 1) Desdêmona não sentia aversão pelo mouro (o verbo *começar* indica que antes não havia esse sentimento), mas que agora sente, e podem-se inferir várias informações como: 1) ela agora vai gostar de Rodrigo e 2) Desdêmona não vai mais viver com Othello. Mas, diante do contexto, sabe-se que o posto, no enunciado de Iago, é falso, portanto, todos os pressupostos e subentendidos retirados desse enunciado também são falsos.

Essa falsidade se encontra também em muitos outros atos de fala pronunciados pelo antagonista Iago, no decorrer do filme.

Ao pronunciar **Meu senhor, cuidado com o ciúme! É um monstro que zomba da carne da qual se alimenta**, Iago põe em sua fala uma força ilocucionária muito forte, pois, ao dizer “cuidado com o ciúme”, ele faz com que Othello passe a sentir ciúmes de Desdêmona, o que não acontecia até então. Nesse ato de fala está pressuposto que: 1) o ciúme existe, 2) existe um monstro que se alimenta de carne. Ao mesmo tempo, deixa subentendido que: 1) o ciúme é perigoso e pode fazer muito mal, 2) o ciúme pode levar Othello ao precipício, 3) Othello sente ciúmes de sua esposa e 4) o ciúme pode acabar com a vida de Othello e de Desdêmona. Analisando este último subentendido, percebe-se que, como já foi dito antes (Cf. item 1), os subentendidos podem ser informações que se apresentam como novas, pois, são informações variáveis, que dependem do contexto em que ocorre o enunciado e do interlocutor, que pode ter várias idéias passando pela sua cabeça, no momento em que escuta o enunciado. Esses são apenas alguns dos implícitos que podem surgir a partir desse ato de fala. E como coloca Ducrot (1972, p.17), “certos atos de fala, com efeito, podem ser interpretados como tentativas de fazer admitir sua própria possibilidade”.

No enunciado **Se não fosse por teu sossego, eu revelaria meus pensamentos**, um ato perlocucionário, podem-se encontrar muitas inferências. Algumas comprovadas por marcas lingüísticas (os pressupostos), outras não (os subentendidos). Nesse ato, são pressupostas as informações: 1) Othello tem sossego, 2) Iago possui pensamentos que podem tirar o sossego de Othello; e são subentendidas, entre outras coisas que: 1) Iago sabe algo sobre Desdêmona que Othello não sabe, 2) Iago é muito amigo de Othello, por isso não quer lhe dizer algo ruim, 3) Iago sabe algo muito grave.

Na fala **Cuidado com tua esposa. Observa tua conduta na presença de Cássio**, Iago espera despertar ciúmes em Othello. Deste ato, pode-se pressupor que: 1) Othello tem uma esposa, 2) a esposa possui um comportamento diferente quando está junto a Cássio; e pode-se subentender que: 1) a esposa de Othello é perigosa e traiçoeira, 2) ela pode estar seduzindo Cássio, 3) ela e Cássio têm um caso de amor. Os subentendidos dessa frase podem levar Othello a ter pesadelos e pensamentos maldosos, mesmo assim, Iago pode safar-se do que diz, porque não deixa claro que há uma traição, mas é isto que ele quer que Othello pense. Ele diz o que quer sem se comprometer com o dito. Pode-se classificar esse ato de fala como perlocucionário que, segundo Searle (1991), pode exercer certos efeitos sobre o interlocutor, como convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc.

No ato de fala **Sê prudente** dito para sua esposa, Iago coloca uma força perlocucionária de ameaça, tentando persuadi-la a não falar nada, mas a reação da esposa, Emília, é adversa ao que ele espera. Nesse ato, pressupõe-se que existe prudência e subentende-se que: 1) se não for prudente, Emília será castigada (como realmente foi), 2) a falta de prudência dela poderá denunciá-lo e levá-lo a ser descoberto e 3) Emília deve obediência ao seu marido, portanto, deve ficar calada.

Ao ser interrogado e responder **Disse a ele o que pensava. Nada além do que ele considerou verdadeiro**, pressupõe-se que Iago disse algo a Othello e que Othello acreditou em Iago. Subentende-se ainda que 1) Iago não obrigou Othello a acreditar nele, 2) Othello acreditou em Iago porque é um tolo e 3) Othello deveria ter acreditado em Desdêmona e não em Iago. Nessa fala do antagonista, pode-se perceber o ato locucionário com força ilocucionária e perlocucionária, como é comum acontecer a quase todos os atos de fala: uma mistura de forças que causa um determinado efeito de sentidos.

Ao dizer **O que sabes é o que sabes**, Iago pronuncia um ato locucional assertivo, em que deixa informações implícitas, mais subentendidas do que pressupostas, como no primeiro ato analisado (“Eu não sou o que sou”) neste trabalho. Pronunciando **O que sabes é o que sabes**, o antagonista deixa pressuposto que Othello sabe de alguma coisa, e deixa vários subentendidos, que vão surgir dependendo de cada interlocutor. Ora, como diz Ducrot (1972, p.13), muitas vezes se diz certas coisas de tal forma que se possa “recusar a responsabilidade de tê-las dito”. De acordo com o contexto, pode-se subentender que os motivos que levaram Iago a fazer o que fez ao casal protagonista é fruto da inveja, da maldade instalada em seu coração. O que ele diz não é claro, daí a leitura nas entrelinhas do enunciado, e, mais uma vez, Iago utiliza a linguagem a seu favor sem assumir compromisso com os atos pronunciados e as ações executadas, no decorrer de todo o filme.

4. Considerações Finais

Neste trabalho, procurou-se analisar, de acordo com os autores citados, algumas informações implícitas nas falas do antagonista Iago. Pode-se ver que, através do que se diz, a linguagem pode ser uma poderosa arma para ser usada no intuito de se alcançar os objetivos almejados. Assim fez Iago, a personagem shakespereana da obra “Othello”. Iago faz das palavras poderosas armas para destruir a quem ele quer e utiliza-se da linguagem, em momentos de interação face a face, de conversação com Othello, para desferir golpes certos no protagonista e, conseqüentemente, em Desdêmona, esposa de Othello.

Em todos os momentos, Iago utilizou a linguagem de tal maneira que em nenhum instante seus atos de fala foram inócuos, pois soube como fazer para que seus interlocutores não duvidassem do que dizia e captassem a mensagem repassada por ele.

É interessante lembrar que, além de interagir com as personagens do filme, manipulando-as, Iago também interage com os interlocutores que estão do outro lado das câmeras, ou seja, nós, os seus telespectadores. A estes interlocutores Iago conta todos os seus planos, tira a sua máscara, fala de suas previsões mirabolantes contra o casal protagonista do filme.

Essa é uma obra que merece ser lida, assistida, aplaudida e analisada, além do que já foi, pois, nela, encontra-se em belíssimo trabalho com a linguagem que deve ser conhecido e apreciado por todos que se interessam por esses estudos.

REFERÊNCIAS

- DUCROT, Oswald (1972). *Princípios de Semântica Lingüística: dizer e não dizer*. Tradução: Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix.
- FIORIN, J. L. (2002). *A Linguagem em Uso*. In: FIORIN, J. L. (org.) *Introdução à Lingüística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto.
- FIORIN, J. L. e PLATÃO, F. (1996). *Lições de Texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática.
- _____. (1999). *Para Entender o Texto: leitura e redação*. 14 ed. São Paulo: Ática.
- GUIMARÃES, Eduardo (1995). *Os Limites do Sentido*. Campinas, SP: Pontes.
- ILARI, R. e GERALDI, J. W. (2000) *Semântica*. 10 ed. São Paulo: Ática.
- KOCH, Ingedore Villaça (2000). *A Inter-ação pela Linguagem*. 5 ed. São Paulo: Contexto.
- OTHELLO (1995). Direção de Oliver Parker. Castle Rock Entertainment. VHS/DVD. 1h59m.
- SEARLE, John R. (1991). *Os Actos de Fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina.
- ZANDWAIS, Ana (1990). *Estratégias de Leitura: como decodificar sentidos não-literais na linguagem verbal*. Porto Alegre: Sagra.